



Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Soberania alimentar no litoral da Amazônia: resistência através da comida das marés

Food sovereignty on the coast of the Amazon: resistance through tidal food

Jessica Silva França Nascimento¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar o papel da Soberania Alimentar na luta pela garantia de reconhecimento das dinâmicas socioculturais de populações tradicionais extrativistas costeiras e marinhas, mais especificamente, do litoral da Amazônia, no estado do Pará. Nos maretórios que compreendem a Resex-Mar Mãe Grande de Curuçá, a soberania alimentar é praticada de forma ancestral e coletiva pelas populações costeiras marinhas, tudo isso impresso na jornada de trabalho, ordenadas pela temporalidade da maré, que resulta no alimento na mesa das famílias, protagonizando maneiras próprias de preparar e comer a comida. Dessa forma, a soberania alimentar está a construir os maretórios através da autonomia, enquanto instrumentos de ação de vida e reprodução da mesma.

Palavras-chave: Amazônia. Soberania Alimentar. Maretórios. Autonomia.

Abstract: this article aims to analyze the role of Food Sovereignty in the fight to guarantee recognition of the sociocultural dynamics of traditional coastal and marine extractive populations, more specifically, on the Amazon coast, in the state of Pará. In the maretórios that comprise the Resex-Mar Mãe Grande de Curuçá, food sovereignty is practiced in an ancestral and collective way by coastal marine populations, all of this imprinted on the workday, ordered by the temporality of the tide, which results in food on the family table, leading to their own ways of preparing and eating food. In this way, food sovereignty is building the maretórios through autonomy, as instruments of action for life and reproduction.

Keywords: Amazon. Food Sovereignty. Maretórios. Autonomy.

¹ Mestranda em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Pará - UFPA. *ORCID:* [0009-0000-5155-7675](https://orcid.org/0009-0000-5155-7675) - *E-mail:* jessicasilvanascim@gmail.com.



Soberania alimentar no litoral da Amazônia: resistência através da comida das marés

Jessica França

Introdução

Ao longo deste artigo, pretende-se evidenciar algumas facetas do processo de construção do modo de vida nos maretórios, que auxiliarão no entendimento relacionado à soberania alimentar nessa pesquisa. Sob esta ótica, o conceito de “maretório” vem acumulando pesquisas acadêmicas que visam compreender a natureza do termo, especialmente, entre populações extrativistas costeiras marinhas do litoral do Pará (Pimentel, 2019; Nascimento, 2021; França, 2022; Sousa, 2022), assim como está amplamente relacionado com o discurso de reivindicação de lideranças da Comissão Nacional de Fortalecimento de Reservas Extrativistas Costeiras e Marinhas (CONFREM).

Nesse sentido, ao serem caracterizados como ambientes envoltos por dinâmicas sazonais e inter-relacionadas com os ciclos das marés, os maretórios que aqui serão apresentados compreendem a Reserva Extrativista Marinha Mãe Grande², localizada no município de Curuçá, estado do Pará. E mais especificamente, no âmbito desta pesquisa, a Comunidade de Mutucal, na Ilha de Fora, única ilha permanentemente habitada da Resex³. Como aspectos metodológicos⁴ dessa pesquisa, foram envolvidos depoimentos de moradores da comunidade, sendo pescadores, curralistas e marisqueiros, sendo um público misto, de homens e mulheres. Diante os apontamentos de Gibbs (2009) sobre a pesquisa qualitativa, esta predominante no trabalho, busca-se evidenciar as formas como o mundo é construído socialmente para um grupo, nesse sentido, os dados qualitativos são muito variados, mas todos têm em comum o fato de que são exemplos da comunicação humana dotada de sentidos (Gibbs, 2009).

² A Reserva Extrativista Marinha Mãe Grande de Curuçá foi institucionalizada através do Decreto s/nº de 13 de dezembro de 2002, publicado no Diário Oficial da União.

³ A palavra “Resex” é uma abreviação para Reserva Extrativista.

⁴ Os dados foram produzidos durante pesquisa de campo, realizada em duas fases, nos meses de janeiro e julho de 2022. Além disso, alinhou-se uma pesquisa exploratória bibliográfica, com foco nas múltiplas facetas em relação a manifestação dos hábitos alimentares do grupo, a construção de suas preferências, as sociabilidades da comida e a autonomia no processo de obtenção do alimento. Assim, foi realizado o acompanhamento durante o processo de aquisição e busca pelo alimento das pessoas da comunidade, com registro em diário de campo e por meio de fotografias. Além disso, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas (Bernard, 1988), com 15 moradores da Comunidade de Mutucal, em algumas vezes com uso do gravador para fim de registro, dando preferência as pessoas que possuem a pesca e o extrativismo como principal fonte de renda.



Soberania alimentar no litoral da Amazônia: resistência através da comida das marés

Jessica França

Nesse seguimento, é possível considerar que a experiência é pessoal e social, pois está sempre presente em nossas vidas. De acordo com Clandinin & Connelly (2011) por “pessoal” entendem-se sentimentos, reações estéticas, desejos, disposições morais do pesquisador ou interlocutor. Enquanto na condição “social” colocam-se propriedades de existência, a política, o ambiente e fatores de interação dentro de contextos específicos. As pessoas vivem histórias e ao nos contar essas histórias se reafirmam, modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém pesquisadores em suas comunidades (Clandinin & Connelly, 2011, p. 27).

Marés e mangues de saberes: a construção de conhecimentos nos maretórios

Mesmo que as concepções acerca do termo “território” sejam diversas, o conceito mais geral agrega dupla conotação, material e simbólica, dessa forma, uma voltada para o espaço físico e outra para as relações sociais, mitos e símbolos formados durante a interação com o lugar. Em seu trabalho empírico sobre a ilha de Tanna, no arquipélago de Vanuatu, Bonnemaïson (1997) discute o fato de que os habitantes de Tuva não “possuem” o território, mas se identificam com ele. Já Milton Santos, em diálogo com Jean Gottman, aplica a distinção de território como “recurso” para “atores hegemônicos”, e território como a “abrigo” para “atores hegemonzados” (Santos *Et al.*, 1998). A partir dessas observações, tem-se que o conceito de território engloba toda a compreensão sociopolítica do ser humano sobre o mundo em que vive.

As comunidades costeiras marinhas possuem especificidades dadas em função do modo e produção da vida. Para Diegues (1999) a quantidade e variedade de trabalhos publicados no Brasil a partir da década de 1970, que remetem às dinâmicas de maritimidade de comunidades pesqueiras e litorâneas é suficiente para construção de um novo campo característico de conhecimento das ciências sociais, chamado de Socio-Antropologia Marítima. Aqui entende-se a maritimidade como construção do mar enquanto espaço de vida de pescadores marítimos.



Soberania alimentar no litoral da Amazônia: resistência através da comida das marés

Jessica França

No entanto, o conceito de maritimidade (Diegues, 1999; Maldonado, 1994) diferencia-se da maretorialidade proposta pelas populações costeiras marinhas amazônicas, devido às especificidades das paisagens e dinamicidades das marés que formam a identidade coletiva em maretórios (Sousa, 2022). Isso significa que, para pescadores extrativistas (aqui refere-se a pesca e também ao extrativismo, seja de mariscos ou vegetais) as representações da vida social vão além da personagem do pescador em alto mar, mas abarcam um pescador que também pode compor outros cenários, como o mangue, ou até mesmo a roça, considerando a sazonalidade do período de pescar e de plantar presente em comunidades tradicionais do litoral paraense. Nesse sentido, Célia Neves, liderança integrante da Comissão Nacional de Fortalecimento das Reservas Extrativistas, Povos e Comunidades Tradicionais Extrativistas Costeiras e Marinhas (CONFREM), aborda a complexidade do litoral em que vive no seguinte relato:

Não é muito simples a gente compreender o litoral. A gente até brinca, diz assim: a gente não é muita coisa não, mano. A gente só é oito mil quilômetros de costa, né! A coisa se diferencia muito, até mesmo aqui no Pará. Vai no Uiaoque, vai em Calçoene, aí vai lá em Pirajubaé, no Arraial do Cabo, ou lá na Bahia [...] tem que andar por aí pra você ver como é que pensa, como se organiza... (Célia Neves, 2022).

Imagem 1: Praia do Tapari



Fonte: Jessica França (2022).

A praia do Tapari, na imagem acima, está localizada em uma pequena ilha na Resex. Ao se referir ao litoral brasileiro, a liderança afirma que a costa possui



Soberania alimentar no litoral da Amazônia: resistência através da comida das marés

Jessica França

especificidades que só podem ser compreendidas por meio das vivências e da escuta ativa das populações tradicionais costeiras. Desse modo, os maretórios paraenses percorrem e são concebidos também nos mangues, nas restingas, na barraca do pescador, nos pequenos quintais produtivos, na medicina tradicional, na produção familiar de farinha e licores de frutas nativas, nas festas e lazeres, nas múltiplas dinâmicas sociais dos trapiches, até as formas de preparo e comensalidade das comidas de maré. Outro relato que fez parte dessa pesquisa e que abrange a noção de maretório a partir da percepção do ser humano sobre o ambiente, foi o comentário do morador da comunidade de Mutucal⁵, de 63 anos, identificado como “Pescador 05”, que mesmo nunca tendo escutado a palavra “maretório”, concebe as relações sociais e subjetivas de trabalho em busca do alimento nas marés como essenciais para a manutenção da vida: “Trabalho de acordo com a maré aqui. Parece lixo, quando a maré vaza, a gente vai também, a maré enche, a gente volta de novo!” (Pescador 05, 2022).

Para o interlocutor, que exemplifica em seu relato um dos sentidos do maretório, o movimento das marés é o que rege sua vida e da família, que aguarda seu retorno para casa, planeja cada detalhe da vida social a partir das dinâmicas da natureza, e transforma o ir e vir da maré em relações de transporte, obtenção, coleta, pesca, espiritualidade e medicina. O interlocutor continua ainda, ao abordar como o trabalho em comunidades tradicionais garante o aprendizado de saberes empíricos que colaboram no entendimento da vida social:

Quem trabalha aqui que sabe tudo, os pontos onde o peixe fica, de pegar o peixe, da lua. A gente olhando a lua, sabe se a maré tá enchendo ou se tá vazando. Por exemplo, a maré encheu quatro da tarde, amanhã é uma hora de tempo, vai encher cinco da tarde, uma hora de diferença, entendeu? (Pescador 05, 2022).

Com base nesse apontamento, entende-se as formas que a natureza enlaça a vida social, onde indivíduos traçam planos a partir do entendimento do funcionamento do ambiente. No caso dos maretórios, a vida social é organizada a partir das diversas características presentes na beira das marés, nos furos de manguezais, com o despertar

⁵ A Vila de Mutucal localiza-se na ilha fluviomarina conhecida como Ilha de Fora, dentro das delimitações da Resex-Mar Mãe Grande.



Soberania alimentar no litoral da Amazônia: resistência através da comida das marés

Jessica França

do corpo para o trabalho de acordo com o movimento das marés, na linguagem local, e no conjunto de sociabilidades próprias presentes entre os moradores da comunidade.

A partir da compreensão da espacialidade dos maretórios que compreendem as comunidades tradicionais pesqueiras da Resex-Mar Mãe Grande, é notória a multiplicidade de manifestações culturais presentes em terra e em água, únicas de grupos costeiros do nordeste paraense. Acerca dessa lógica espacial que inicialmente se parece híbrida (terra/água), Cardoso (2003), ao discutir a apropriação da natureza e a construção de territórios pesqueiros, destaca que a atividade pesqueira está além de espaços exclusivamente aquáticos, avançando sob a atmosfera terrestre. Nesse sentido, os pescados capturados são destinados aos pontos terrestres de venda e troca (como os portos e trapiches), fator que atua na garantia da reprodução social e econômica. Não se limitando apenas aos pescados, em ecossistemas costeiros marinhos, tais como manguezais e restingas, existem outros recursos importantes para alimentação e composição das subjetividades dessas comunidades tradicionais litorâneas, como os mariscos, por exemplo.

Além da observação feita por Cardoso (2003), propõe-se aqui que o espaço da água, formado tanto pelo mar quanto pelos rios; e a terra firme; existem de maneira interdependente, relacional, mútua e solidária. Entre esses dois ambientes distintos, estão presentes ecossistemas de transição, estes manguezais e restingas, que interligam terra e água, completando de maneira criativa as vivências nos maretórios, através de cheiros, sabores, saberes, texturas, sons, trabalho, afetos e afinidades. Por vezes são conhecidos como “beiradas” ou “beira”, onde identidades são produzidas, comidas são compartilhadas, trocadas, vendidas, e os afetos são constantemente renovados. Nas imagens abaixo, a dinamicidade das marés é manifestada no encher e no vazar.



Soberania alimentar no litoral da Amazônia: resistência através da comida das marés

Jessica França

Imagem 2: Manguezal na Comunidade de Mutucal



Fonte: Jessica França (2022)

Imagem 3: Rede de pesca na vazante da maré



Fonte: Jessica França (2022).

Esses ambientes de transição, transformação e produção, são essencialmente importantes, pois neles o sentido do maretório é construído e depois distribuído para espaços da comunidade e Resex-Mar que não tem contato direto ou visível com a maré. O que é produzido na beirada é um substrato social forte o suficiente para categorizar novos territórios e repensar conceitos cunhados na dualidade e dicotomias cartesianas. Isso faz sentido, quando se compreende que os maretórios não fazem oposição ao



Soberania alimentar no litoral da Amazônia: resistência através da comida das marés

Jessica França

conceito de território, na logística entre terra e água, mas edificam um conjunto de relações mescladas entre essas paisagens, típicas de ambientes costeiros.

Para Ribaric (2020), a Água, aqui materializada no mar, rios, lagos e lagoas, também são espaços de vida e representação. As mobilizações dos sujeitos coletivos nas comunidades extrativistas costeiras estão fortemente relacionadas ao contato com a instabilidade e sazonalidade das marés, estes manifestam suas identidades demarcando socioculturalmente os territórios, a influência das marés, em suas vivências. Sendo assim, a apropriação social do espaço marinho e afins, e a reprodução dos modos de vida costeiros são patrimônios culturais que compõem os argumentos pela defesa e proteção do ecossistema marinho.

De acordo com Silva (2007) ao discorrer sobre saberes e modos de vida locais na Amazônia, chama atenção para os processos de constituição do território, onde o tempo de vida é refletido no tempo e espaço das formas de apropriação e uso dos recursos naturais, com a reprodução da vida material e cultural resultante da apropriação destes recursos. E neste caso, dos recursos disponíveis nas marés e mangues.

Como um território tradicionalmente ocupado, o espaço que compreende a Resex-Mar Mãe Grande possui relação configurativa com o que é produzido a partir da ancestralidade das comunidades viventes no território, de forma que, os fenômenos naturais advindos das marés sejam fomentadores da cosmografia dessas populações. Sobre os elementos que compreendem a cosmografia de um povo:

A cosmografia de um grupo inclui seu regime de propriedade, os vínculos afetivos que mantém com seu território específico, a história da sua ocupação guardada na memória coletiva, o uso social que dá ao território e as formas de defesa dele (Little, 2002, p. 4).

Nesse tocante, todos esses elementos: os vínculos afetivos, a história de ocupação, a memória coletiva e uso social do espaço, constituem os aspectos materiais e simbólicos de um grupo. Os conhecimentos ambientais, sejam pesqueiros ou marisqueiros, ligados ao comportamento da paisagem, são transmitidos de forma geracional e ancestral, garantindo a tradicionalidade das formas de uso, ocupação e demarcação mesmo com a dinamicidade das marés. Sobre isto, segundo Nascimento & Barros (2021), o conhecimento tradicional de pescadores locais é moldado de acordo com o tempo,



Soberania alimentar no litoral da Amazônia: resistência através da comida das marés

Jessica França

incorporando a manutenção da atividade da pesca de forma a acompanhar as principais transformações sociais e ecológicas ocasionadas no espaço e no decorrer do tempo.

Soberania alimentar em maretórios

Para Maluf & Reis (2013), reconhecer e evidenciar os fluxos e circuitos da comida em cada sociedade é fundamental. Primeiro, porque são esses movimentos que propiciam grande parte da sobrevivência material de uma comunidade. Ainda, entre os diversos aspectos que formam uma cultura, a sobrevivência material é um elo forte e central na constituição da subjetividade de uma localidade. Neste seguimento, nos importa observar as complexidades das interações nos maretórios amazônicos, que possuem sistemas sociais materiais e simbólicos construídos por suas populações durante a apropriação do espaço marinho, em prol da garantia da sobrevivência e reprodução de suas multiculturas.

A multiplicidade de expressões humanas e sociais produz uma variedade de tipos de territórios com particularidades culturais próprias, de saberes ambientais e ideologias variadas. Acerca dos espaços que imprimem às suas identidades sociais por meio das conexões do indivíduo com o meio marinho costeiro, estes são lidos por algumas lideranças, e mais recentemente pela academia, através do termo “maretório”, que combina os aspectos ecológicos do ambiente com as relações culturais, políticas e econômicas existentes no lugar.

À vista disso, por meio da reivindicação conceitual de relações políticas e de poder pelo espaço de produção e reprodução dos modos de vida costeiros do nordeste paraense (Nascimento, 2021) os maretórios vem se desenvolvendo com características singulares e múltiplas, tal como manifestam as populações tradicionais amazônicas. As mobilizações desses sujeitos coletivos estão relacionadas ao contato com a instabilidade e sazonalidade das marés e ciclos lunares, estes manifestam suas identidades demarcando socioculturalmente os maretórios em suas vivências. Nesse sentido, a apropriação social do espaço marinho e a reprodução dos modos de vida costeiros são



Soberania alimentar no litoral da Amazônia: resistência através da comida das marés

Jessica França

impressos como patrimônios culturais imateriais que compõem os argumentos pela defesa e proteção dos ecossistemas marinhos.

É evidente para Conceição Silva (2020) que a prática pesqueira é uma atividade produtiva que além de constituir subjetividades, identidades coletivas e modos de reprodução do cotidiano, também representam autonomia de vida. Dessa forma, a autonomia está presente enquanto liberdade de escolha do que comer e coletar na natureza, ainda que respeitando as condições naturais de sazonalidade.

Nesse sentido, as artes de como ser e fazer pesca estão ligadas à liberdade da busca e consumo de alimentos, formando uma Soberania Alimentar própria de pescadores e marisqueiras. Por conseguinte, para entender o maretório como maretorialidade construída a partir da Soberania Alimentar, é necessário pensar perspectivas sistêmicas e estruturais de sociedade, partilhadas em comunidades tradicionais, que giram em torno da defesa do território e da dignidade do viver bem dentro dele.

O conceito de Soberania Alimentar está relacionado aos modelos de produção alternativos à exploração aguda da natureza proveniente do agronegócio e hidronegócio. Se estende à garantia de permanência da reprodução da cultura na alimentação dos povos, tal como foi firmado na Declaração de Nyéléni (2007): “A soberania alimentar é um direito dos povos a alimentos nutritivos e culturalmente adequados, acessíveis, produzidos de forma sustentável e ecológica e o direito de decidir o seu próprio sistema alimentar e produtivo”.

Somado a isso, destaca-se a luta pela autonomia e autogerenciamento do território, de modo que os que produzem, distribuem e consomem, estejam presentes participando ativamente nos sistemas de políticas alimentares, ressaltando a valorização de modelos de produção sustentáveis e ecológicos, em contraste as exigências dos mercados e das empresas. Além disso, é importante ressaltar o caráter internacional da proposta geradora da Soberania Alimentar, que engloba múltiplos modos de vida e produção, da terra até as águas. Dentro dessa perspectiva, a Soberania Alimentar



Soberania alimentar no litoral da Amazônia: resistência através da comida das marés

Jessica França

engloba uma diversidade de elementos pontuais de análise, sendo um conceito que abarca uma ótica social, econômica e política.

Lembra-se disso, pois o conceito de Soberania Alimentar surge por meio de provocações de movimentos sociais de camponeses e pequenos agricultores diante a imposição de sistemas alimentares arquitetados pelo capital e baseados na usurpação dos recursos naturais e na lógica técnico-racionalista. Dessa maneira, considerar as complexidades ecológicas, econômicas e sociais que comparecem nos litorais, tais como as dinâmicas típicas dos maretórios, possibilita a alimentação como ponte para compreender as dinâmicas da sociedade e, por conseguinte, transforma-las.

Sabores da maré: análise sobre preferências alimentares

Quando Fraxe (2000) escreve sobre os “homens anfíbios” ao se referir ao campesinato das águas que vive na beira de rios, lagos e igarapés da Amazônia, lembra que as atividades de subsistência acabam sendo divididas entre a terra e a água, já que a parte em que trabalham (várzea) fica submersa durante certo período do ano (quatro a cinco meses), resultando em uma população que habita e trabalha em dois tipos de ambiente: terrestre e aquático.

Mesmo que a referência aos anfíbios, sirva para esmiuçar a complexidade da sazonalidade de ambientes influenciados pelas águas doces, é evidente que a região do nordeste paraense, influenciada potentemente pela salinidade dos oceanos e pelos ciclos da lua, necessita de instrumentos próprios de análise capazes de descrever a instabilidade dos processos produtivos presentes nos maretórios. Acerca dessa lógica e considerando as múltiplas facetas das diversas Amazônias, a riqueza de sociobiodiversidade garante pluralidade de olhares para cada cenário que forma o bioma amazônico (Gonçalves, 2001).

Nesse sentido, as preferências alimentares ajudam a compreender essas pluralidades e múltiplas facetas das Amazônias. Isso porque, as escolhas alimentares são resultantes de interações dialéticas entre estruturas e hábitos do cotidiano, ciclos



Soberania alimentar no litoral da Amazônia: resistência através da comida das marés

Jessica França

ecológicos, dinâmicas político-econômicas dos mercados locais e regionais e também, preferências individuais (Murrieta, 2001).

Na Comunidade de Mutucal, a preferência por peixe foi destaque entre os entrevistados. Para o recorte dessa pesquisa, foram selecionadas algumas entrevistas onde isso é evidenciado. Quando perguntados durante a pesquisa de campo, “Qual sua comida preferida?”, foi ressaltada várias vezes que a resposta era livre e podia-se incluir qualquer tipo de alimento. Em ocasiões que a resposta não era imediata optando por peixe, antes de afirmarem a predileção por peixe, foi comum a flexibilidade quanto preferências alimentares, como por exemplo, “tudo vai, ainda mais quando tá brocado⁶”, “gosto de comer tudo”, “não tenho luxo com comida, o que tiver pronto, eu como”.

Além disso, quando perguntados sobre o modo de preparo que tinham mais apreço, foi predominante a versatilidade do preparo de determinado peixe predileto, ressaltando que gostavam do cozimento de todas as formas possíveis, frito, cozido, assado ou moqueado⁷, a ainda, que o mais importante naquele processo era comer.

Quadro 01 – Ideia acerca da Preferência Alimentar

INTERLOCUTOR/ INFORMANTE	EXPRESSÕES CHAVE/NARRATIVA- ENTREVISTA	IDEIA CENTRAL
Marisqueiro 01	“Peixe. Sou apaixonado por peixe. Eu gosto mais de comer bagre. De espinhel, de rede, que eu pesco. Todo tipo, assado, frito, cozido...”	Paixão
Curralista 02	“Peixe. Oriseca. Frita, assada, cozida, de qualquer jeito!”	Variedade
Pescador 14	“Arraia, como de um lado, como do outro!”	Aproveitamento
Pescador 04	“Peixe... de qualquer jeito, quando não é frito é cozido, assado... eu como uma carne, um frango, mas tem que ter o peixe, o caranguejo...”	Requisito
Pescador 05	“Peixe. Pratiqueira, peixe pedra. Cozido, assado, tudo vai, ainda mais quando tá brocado!”	Fome
Marisqueira 06	“Você acredita que se eu comer uma carne agora, vinte minutos depois eu já tô com fome? E o peixe não...”	Saciedade

Fonte: Pesquisa de Campo - Entrevistas na Comunidade de Mutucal. Brasil/Pará – Curuçá. Fev. /Jul. / 2022.

⁶ Gíria popular usada em algumas regiões do Pará que significa “estar com muita fome”.

⁷ Moquear é uma técnica tradicional de preparo de pescados, que envolve enrolar o peixe em uma folha larga (folha de bananeira, geralmente) e colocá-lo para assar por intermédio de carvão vegetal.



Soberania alimentar no litoral da Amazônia: resistência através da comida das marés

Jessica França

Acerca dessa lógica, nas narrativas compartilhadas acima, estão presentes, além da unanimidade na preferência por pescados, diferentes motivos da escolha dos interlocutores.

No que diz respeito às ideias transmitidas pelos entrevistados através dos comentários acerca de suas preferências, pode-se observar que manifestam noções diferenciadas sobre um mesmo elemento, o peixe. A partir disso, o aspecto comunicativo da comida é fortemente destacado nos estudos de Woortmann (2013) ao postular a capacidade que os alimentos possuem de serem pensados, e não somente comidos. Nessa mesma perspectiva, através da caracterização dos costumes alimentares de um povo, percebe-se as questões relacionadas ao modo de vida, de maneira que:

A comida, é uma categoria nucleante e hábitos alimentares são textos. Quando se classificam alimentos, classificam-se pessoas, notadamente os gêneros homem e mulher; pois, se o alimento é percebido em sua relação com o corpo individual, este é uma metáfora do corpo social (Woortmann, 2006, p. 32).

Para Fernandes (1997) o exercício da comensalidade destaca-se em um campo particular de ritualização, e a pluralidade de significados desse fenômeno tem a ver com as diversas realidades sociais existentes. Acerca dessa lógica, a relação dos moradores da comunidade de Mutucal com a comida na mesa, e a maleabilidade na forma de cozinhar, está permeada por uma série de significações ligadas a conexão deles com a natureza, e principalmente com sua identidade cultural. Nesse sentido, percebe-se que nas respostas dos entrevistados acima, mesmo alguns escolhendo uma ou mais espécies de peixes preferidos, a categoria “pescados” possui um potencial tão grande e especial na comunidade de Mutucal, que a configuração do tipo de cozinhar ou preparar não é um critério tão importante quanto o fato de estar comendo peixe. Sendo assim, ficaram em segundo plano alimentos como carne e frango.

Para Vilá (2012), o papel do estudo da alimentação apresenta também uma perspectiva ecológica, ao relacionar o meio ambiente com a cultura de determinada sociedade. Isso mostra que existe entre os indivíduos uma ligação social com as marés, que é desenvolvida através da alimentação, ou seja, o ato de comer o que vem da maré, e ainda no caso das comunidades tradicionais costeiras marinhas, também se refere à terra, visto que algumas famílias são produtoras de outros insumos que complementam as



Soberania alimentar no litoral da Amazônia: resistência através da comida das marés

Jessica França

refeições, como a farinha, quintais com árvores frutíferas e horticultura. Na imagem abaixo, à esquerda tem-se o pescado ainda cru, temperado com sal, e à direita, já cozido com bastante chicória, retirada do próprio quintal de uma casa na Comunidade de Mutucal.

Imagem 4: Cozido de Peixe



Fonte: Jessica França (2022).

Imagem 5: Peixe (sardinha) sendo assado na brasa



Fonte: Jessica França (2022).

Imagem 6: Pescado assado servido com feijão, legumes, arroz branco e farinha



Fonte: Jessica França (2022).



Soberania alimentar no litoral da Amazônia: resistência através da comida das marés

Jessica França

Sobre essa ótica, afirma Maciel (2005) que durante o processo de construção e afirmação da identidade, elementos culturais, tais como a comida, podem posicionar-se como marcadores e símbolos potentes de reivindicação, logo, os hábitos alimentares expressam mais do que a nutrição de um povo, como também se caracterizam como formas de manifestação de pertencimento e reconhecimento social, tais como as receitas tradicionais e formas de preparar e comer a comida, presentes na vila de Mutucal. Nesse sentido, durante a formação da identidade cultural, a comida demarca aspectos sociais, políticos e econômicos da comunidade.

Considerações Finais

Dentro da perspectiva da luta pela garantia de reconhecimento sociopolítico, das dinâmicas socioculturais de populações tradicionais costeiras e também das análises de preferências alimentares presentes nessa pesquisa, pode-se dizer que os maretórios tem a soberania alimentar como um de seus instrumentos de ação e reprodução de vida. Isso porque, pode compreender uma das óticas para interpretar esse espaço, através da autonomia para comer o que se gosta, relacionada a disponibilidade desses elementos na natureza.

Nos maretórios que compreendem a Resex-Mar Mãe Grande, a soberania alimentar é praticada de forma ancestral e coletiva pelas populações costeiras marinhas, tudo isso impresso na jornada de trabalho, ordenadas pela temporalidade da maré, que resulta no alimento na mesa das famílias, protagonizando maneiras próprias de preparar e comer a comida.

Reconhecer e evidenciar os caminhos que a comida percorre até a chegada na mesa nessa pesquisa, deu destaque para as representações materiais e imateriais da vida das populações das beiradas e dos mangues, possibilitando construir ferramentas de descrição das múltiplas trajetórias que interligam a alimentação a assuntos diversos. Sob esta ótica, estão dispostas nessa pesquisa, caminhos percorridos dentro do compartilhamento, da cultura, da preocupação, da cura, nutrição, lazer, trabalho, luta, natureza e autonomia.



Soberania alimentar no litoral da Amazônia: resistência através da comida das marés

Jessica França

Referências

Bonnemaison, Joel. Viagem em torno do território. In: **L'Espece Geographique**. Tomo X, n 4, p. 249-262, 1997.

Bernard, Harvey. **Research methods in cultural anthropology**. Newbury Park: Sage, 1988.

Cardoso, Eduardo Schiavone. Da Apropriação da Natureza à Construção de Territórios Pesqueiros. **GEOSP Espaço e Tempo**, v. 7, n. 2, p. 119-125, 2003.

Clandinin, Dorothy Jean & Conelly, Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

Diegues, Antônio Carlos. A socioantropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. **Etnográfica**, v. 3, n. 2, p. 361-375, 1999.

França, Jessica Silva. **Soberania Alimentar em Maresmórios: dinâmicas socioculturais nas marés e nos mangues e a Reserva Extrativista Mãe Grande de Curuçá**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Pará, 2022.

Fraxe, Therezinha. **Homens Anfíbios: etnografia de um campesinato das águas**. Fortaleza: Annablume, 2000.

Fernandes, Antônio Teixeira. **Ritualização da Comensalidade**. Porto: Universidade do Porto, 1995/Separata da Revista da Faculdade de Letras, v. 7, 1997.

Forúm Mundial pela Soberania Alimentar. [Declaração de Nyélény](#), 2007.

Gibbs, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2009.

Gonçalves, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2001.

Little, Paul. Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Série Antropologia**, [S.l.] p. 1-32. 2002.

Maciel, Maria Eunice. Olhares antropológicos sobre a alimentação: identidade cultural e alimentação. In: Canesqui, Ana Maria. & Garcia, Rosa Wanda Diez. (Orgs.). **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.



Soberania alimentar no litoral da Amazônia: resistência através da comida das marés

Jessica França

Maldonado, Simone. **Mestres & Mares**: espaço e indivisão na pesca marítima. São Paulo: Annablume, 1993.

Maluf, Renato & Reis, Márcio. Segurança Alimentar e Nutricional e Perspectiva Sistêmica. *In*: Rocha, Cecília.; Burlandy, Luciene. & Magalhães, Rosana. (Orgs). **Segurança Alimentar e Nutricional**: perspectivas, aprendizados e desafios para as políticas públicas. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, p. 43-67. 2013.

Murrieta, Rui Sérgio Sereni. Dialética do sabor: alimentação, ecologia e vida cotidiana em comunidades ribeirinhas da Ilha de Ituqui, Baixo Amazonas, Pará. **Revista de Antropologia**, v. 44, p. 39-88, 2001.

Nascimento, Josinaldo Reis. **Nos maretórios da Amazônia**: os desafios da gestão compartilhada nas Reservas Extrativistas Marinhas do nordeste do estado do Pará. Tese (Doutorado em Geografia), São Paulo: Universidade de São Paulo, 2021.

Nascimento, Anael & Barros, Flávio. Dimensões da pesca na Comunidade Quilombola de Mangueiras (Ilha do Marajó, Pará): características, conhecimentos tradicionais e cosmologias. **Anthropológicas**, v. 32, n. 1, p. 199-230, 2021.

Pimentel, Maria Aparecida. Comunidades tradicionais em reservas extrativistas marinhas no estado do Pará: Conflitos e resistências. **AMBIENTES: Revista de Geografia e Ecologia Política**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 191, 2019.

Ribaric, Alan. Maritimidade: patrimônio cultural e formas tradicionais de apropriação social do território marítimo. **Revista Emblemas**, v. 17, n. 2, p. 39-56, 2020.

Santos, Milton. Souza, Maria Adélia Aparecida de. Silveira, Maria Laura. **Território**: globalização e fragmentação. 4ª edição. São Paulo: Editora Hucitec. 1998.

Silva, Heberty Ruan da Conceição. **Entre Manguezais, Rios e Restingas**: Soberania Alimentar dos povos tradicionais pesqueiros e a carcinicultura no município de Brejo Grande/Se. 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia) - São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2020.

Silva, Maria das Graças. Práticas educativas ambientais, saberes e modos de vida locais. **Revista Cocar**, v. 1, n. 1, 2007.

Sousa, Paulo Victor. **Maretório**: O Giro Ecoterritorial dos povos extrativistas costeiro-marinhos do litoral da Amazônia Paraense do litoral da Amazônia Paraense? 2022. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) - Belém: Universidade Federal do Pará, 2022.



Soberania alimentar no litoral da Amazônia: resistência através da comida das marés

Jessica França

Vilá, Miriam Bertran. Reflexões sobre a análise antropológica da alimentação no México. *In: Menasche, Renata; Alvarez, Marcelo; Collaço, Janine (Orgs.). **Dimensões socioculturais da alimentação: diálogos latino-americanos.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. p. 29-44.*

Woortmann, Ellen. A comida como linguagem. Goiânia: **Revista Habitus**, v. 11, n.1, p. 5-17, 2013.